

LETRAMENTO CRÍTICO: REFLEXÕES SOBRE A DIALOGICIDADE NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

CRITICAL LITERACY: REFLECTIONS ON DIALOGICITY IN PORTUGUESE LANGUAGE TEACHING

Risonete Amorim¹

Instituto Federal do Acre

Resumo: A perspectiva dos letramentos críticos tem se consolidado como uma vertente teórica emergente, tanto no cenário nacional quanto internacional, ganhando destaque por sua relevância no campo educacional. A partir dessa abordagem, o ensino de língua portuguesa busca ampliar as possibilidades de interpretação e posicionamento crítico em sala de aula, fundamentando-se em práticas que valorizam a produção de sentidos e as percepções do leitor ao interagir com diferentes modalidades de linguagem presentes nas práticas sociais. Nesse contexto, este artigo tem como objetivo discutir aspectos do letramento crítico que emergem durante o processo de ensino e aprendizagem em aulas da disciplina de Língua Portuguesa, destacando sua importância para a formação de cidadãos críticos e reflexivos. As discussões são embasadas em teóricos como Freire (1989, 1996, 2000, 2006), Rojo (2009, 2012), Marcuschi (2003), Soares (2002), Souza (2011), Kumaradivelu (2003), entre outros, que contribuem para a compreensão do letramento crítico como ferramenta de transformação social e educacional. O artigo enfatiza a necessidade de práticas pedagógicas que promovam a dialogicidade, a reflexão crítica e a leitura de mundo, visando à construção de uma educação mais inclusiva e emancipatória.

Palavras-chave: Letramento crítico. Dialogicidade. Ensino de Língua Portuguesa. Prática social. Transformação.

Abstract The perspective of critical literacy has established itself as an emerging theoretical approach, both nationally and internationally, gaining prominence for its relevance in the educational field. From this perspective, the teaching of Portuguese language seeks to expand the possibilities of interpretation and critical positioning in the classroom, grounded in practices that value the production of meaning and the reader's perceptions when interacting with different language modalities present in social practices. In this context, this article aims to discuss aspects of critical literacy that emerge during the teaching and learning process in Portuguese language classes, highlighting its importance for the development of critical and reflective citizens. The discussions are based on theorists such as Freire (1989, 1996, 2000, 2006), Rojo (2009, 2012), Marcuschi (2003), Soares (2002), Souza (2011), Kumaradivelu (2003), among others, who contribute to the understanding of critical literacy as a tool for social and educational transformation. The article emphasizes the need for pedagogical practices that promote dialogicity, critical reflection, and the reading of the world, aiming to build a more inclusive and emancipatory education.

Keywords: Critical literacy. Dialogicity. Portuguese language teaching. Social practice. Transformation.

¹ Pesquisadora no Instituto Federal do Acre (IFAC). Email: risonete.amorim@ifac.edu.br.

**Submetido em 26 de maio de 2025.
Aprovado em 14 de abril de 2026.**

Introdução

Este artigo é fruto das reflexões desenvolvidas a partir dos estudos na disciplina de Teorias Linguísticas, do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade (PPGLI) da Universidade Federal do Acre (Ufac). Durante as discussões em aula, surgiram questões fundamentais relacionadas à linguagem, comunicação, problematização e reflexão sobre perspectivas de análises críticas sobre o que compreendemos sobre as linguagens como pensamentos e configurações de mundo.

Numa aula específica da disciplina de Teorias Linguísticas, na qual discutimos as origens e influências da gramática tradicional, que historicamente consolidou o pensamento normativo no ensino de Língua Portuguesa foi possível compreender como essa gramática estabeleceu uma base rígida para a linguagem, percebi que o ensino da norma padrão, em grande parte, desconsidera as práticas sociais e culturais dos alunos. Isso me levou a refletir sobre a importância de um letramento crítico que, ao invés de valorizar exclusivamente a normatividade, fomente a compreensão das múltiplas vozes e contextos discursivos nos quais os alunos estão inseridos. Nesse contexto, ao relacionar essas leituras com minha pesquisa, percebi que torna-se essencial abordar sobre o letramento crítico como prática social e sua relação com o ensino de Língua Portuguesa, pois permite que os estudantes desenvolvam uma leitura mais reflexiva e abrangente da linguagem, entendendo-a não apenas como conjunto de regras, mas como uma prática social viva e variada. Com esse ensaio, busco analisar como a visão crítica pode transformar o processo de ensino e aprendizagem, promovendo uma educação que valoriza a construção de sentido e a identidade cultural dos alunos.

Não pretendo com este trabalho ter como objetivo principal oferecer respostas definitivas para essas questões, mas propor reflexões sobre as possibilidades do letramento crítico nas práticas pedagógicas contemporâneas, explorando sua relevância, como também a da análise discursiva no ensino de Língua Portuguesa, especialmente no contexto da EPT, onde a necessidade de uma formação ampla e crítica é fundamental. Para isso, apoio-me em uma base teórica que privilegia uma abordagem dialógica, fundamentada na análise de Paulo Freire (1995, 2006), que enfatiza a linguagem como um espaço de interação e construção de sentido, Kleiman (1995), Moita Lopes (2006), Freire (1989), Kumaravadivelu (2003) e Rojo (2012, 2019), que

forneem bases sólidas para uma abordagem pedagógica transformadora.

Serão analisadas as contribuições de cada autor, destacando suas visões sobre o papel da linguagem no processo de construção do conhecimento e da consciência crítica, contribuindo para entender o letramento como uma prática social crítica, onde o discurso se apresenta em múltiplas vozes e representações sociais, refletindo sobre a importância da linguagem na formação identitária e no desenvolvimento de uma postura crítica e consciente por parte dos alunos.

Este artigo se desenvolve, assim, por meio de uma metodologia qualitativa e revisão bibliográfica, onde, além dos autores mencionados, outros autores que exploram temas como Linguagem, Cultura e Identidade são mobilizados para sustentar uma análise discursiva do letramento crítico como prática pedagógica e social, inserindo-se em um processo educativo de natureza sócio-histórica que envolve também o letramento crítico e suas implicações nas metodologias educacionais atuais.

Ao entender a linguagem como uma forma de configurar o mundo, a análise linguística vai além de uma simples descrição formal e passa a incorporar as complexidades culturais e identitárias presentes no uso da língua. Essa perspectiva é fundamental para o desenvolvimento do letramento crítico no ensino de Língua Portuguesa, cujo objetivo é estimular os alunos a perceberem a linguagem como algo que está intrinsecamente ligado à existência e à maneira de se posicionar no mundo, e não apenas como um instrumento de comunicação.

A ideia de compreender a linguagem como uma configuração do mundo, e não apenas como um sistema de regras ou uma ferramenta de comunicação, está profundamente ligada a uma visão mais ampla e crítica sobre o papel da língua na sociedade. Essa abordagem reconhece que a linguagem não é neutra, mas sim carregada de significados culturais, históricos e identitários. Ela reflete e, ao mesmo tempo, molda a maneira como as pessoas entendem a si mesmas, aos outros e ao mundo ao seu redor.

No contexto do ensino de Língua Portuguesa, adotar essa perspectiva é essencial para promover o letramento crítico. Em vez de apenas ensinar regras gramaticais ou normas padrão da língua, o letramento crítico busca capacitar os alunos a refletirem sobre como a linguagem opera na sociedade. Isso inclui questionar por que certas formas de falar são valorizadas enquanto outras são marginalizadas, ou como a língua pode ser usada para incluir ou excluir pessoas. Nesse sentido, Kumaravadivelu (2006, p.136) afirma que torna-se necessária “uma definição que capte a natureza e o escopo

da disciplina”.

Essa abordagem transforma o ensino de Língua Portuguesa em uma prática mais reflexiva e engajada, preparando os alunos não apenas para dominar a língua, mas também para entender seu poder e sua influência na construção de realidades sociais. Isso é fundamental em um mundo cada vez mais diverso e interconectado, onde a capacidade de compreender e respeitar as diferenças linguísticas e culturais é essencial para a convivência e a cidadania.

1. Letramento crítico e a língua materna

O termo literacy emergiu em alguns países das Américas e da Europa por volta dos anos 1980, referindo-se a práticas sociais de leitura e escrita que vão além do simples ato de decifrar letras e palavras, ou seja, ultrapassam a noção básica de alfabetização. Esse conceito está alinhado com as ideias de um dos maiores educadores do século XX, o pedagogo Paulo Freire (1975), conhecido por seu método revolucionário de alfabetização e por desenvolver a pedagogia do oprimido. Freire via a educação como uma prática de liberdade, enfatizando a importância de compreender a leitura e a escrita como ferramentas de transformação social e conscientização crítica. Assim, literacy aproxima-se dessa visão freireana, que valoriza o uso da linguagem como meio de empoderamento e intervenção no mundo.

Para Kleiman (1995, p. 19), o letramento é definido é um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetos específicos”. A autora destaca que o letramento se desenvolve por meio das práticas sociais de leitura e escrita que ocorrem em eventos de letramento, ou seja, em situações reais onde a escrita é usada de maneira significativa.

Nesse contexto, é fundamental considerar, em primeiro lugar, o ambiente em que o aluno está inserido, pois, para produzir textos dissertativos-argumentativos coesos e coerentes, assim como para dominar a língua materna de maneira ampla, é necessário um conhecimento social significativo. Esse conhecimento deve estar conectado a aspectos atuais da sociedade, o que exige familiaridade com história, geografia e cultura de determinados lugares. Além disso, é essencial situar-se no meio de vivência dos alunos, compreendendo suas realidades, experiências e contextos, pois isso permite que a aprendizagem seja mais significativa e relevante para eles. Dessa

forma, o ensino da língua e a produção textual tornam-se mais efetivos quando estão alinhados com o universo social e cultural dos estudantes. Dessa forma, Soares (2002), enfatiza que:

Considerando que letramento designa o estado ou condição em que vivem e interagem indivíduos ou grupos sociais letrados, pode-se supor que as tecnologias de escrita, desempenham um papel de organização e reorganização desse estado ou condição (Soares, 2002, p.148).

Em outras palavras, o letramento não se refere apenas à capacidade técnica de ler e escrever, mas ao modo como essas habilidades são incorporadas e utilizadas no cotidiano, influenciando a vida social e cultural das pessoas, promovendo a criticidade ao preparar os alunos para adquirir competências e habilidades que vão além do espaço escolar. Além disso, em alinhamento com o desenvolvimento do pensamento crítico, ou seja, estimular a capacidade de reflexão e análise crítica, isto é “preparar aprendizes para confrontos com diferenças de toda espécie se torna um objetivo pedagógico atual e premente, que pode ser alcançado através do letramento crítico” (Souza, 2011, p. 2).

Paulo Freire (1989) foi um dos primeiros a contribuir significativamente para o campo do letramento crítico. Em seus escritos, ele propunha práticas pedagógicas voltadas para a construção de uma sociedade mais justa, livre e igualitária. Freire (1989) também enfatizava a importância de os educadores reconhecerem os alunos como sujeitos sociais, portadores de uma diversidade cultural que deve ser valorizada e incluída em um processo educativo baseado no diálogo e na colaboração mútua.

Freire (1989) enfatizava a importância da problematização, que se concretiza por meio de questionamentos críticos sobre a realidade vivenciada pelos alunos ou leitores em relação ao conteúdo dos textos. Segundo o autor, "a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas também por uma certa forma de 'escrivê-lo' ou 'reescrivê-lo', ou seja, de transformá-lo por meio de nossa prática consciente" (Freire, 1989, p. 13). Em outras palavras, Freire defendia que a leitura e a escrita não são atividades isoladas, mas estão profundamente conectadas à interpretação e à intervenção no mundo. A problematização, portanto, convida os alunos a refletirem sobre sua realidade, questionando-a e buscando formas de transformá-la por meio de uma ação consciente e crítica. Essa abordagem vai além da simples decodificação de textos, incentivando uma leitura engajada e transformadora.

O conceito de letramento crítico, conforme apresentado por Freire (1989), propõe uma leitura que une o mundo e a palavra, incentivando o aluno a questionar, refletir e interpretar os contextos sociais e culturais de sua realidade. O objetivo principal é superar um ensino de Língua Portuguesa limitado ao aspecto funcional, preparando o aluno para uma leitura crítica de seu ambiente. Isso vai além da simples compreensão de textos, incluindo a análise das estruturas sociais, políticas e culturais que os moldam, fomentando a conscientização e, como resultado, a transformação da sociedade. Nesse sentido, Freire (1996) traz como fundamental para o ponto de partida para o processo de ensino e aprendizagem que:

A dialogicidade não nega a validade de momentos explicativos, narrativos em que o professor expõe ou fala do objeto. O fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos (Freire, 1996, p.36).

A teoria da ação dialógica pressupõe a conscientização da realidade como forma de combater a visão naturalista, que ignora a historicidade do ser humano como construtor de sua própria história. Essa teoria parte da crença de que a educação pode ser um espaço de resistência, e não apenas de reprodução ou legitimação das injustiças e desigualdades que estão presentes no nosso dia a dia. Em outras palavras, a educação é vista como uma ferramenta transformadora, capaz de questionar e enfrentar as estruturas opressoras, em vez de simplesmente reforçá-las. Nesse contexto, Freire (2006), fundamenta:

E o que é o diálogo? É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade. Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação (Freire, 2006, p.115).

O diálogo proposto por Freire é fundamental para uma educação que busca a humanização dos indivíduos. Por meio da interação com o mundo, os sujeitos passam a interpretá-lo, expressá-lo e transformá-lo. Através do diálogo, o ser humano se realiza não como um objeto passivo, mas como um agente consciente de seu papel político e transformador na realidade. Essa abordagem enfatiza a importância da consciência

crítica e da participação ativa na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Dessa forma, o autor argumenta que:

(...)a dialogicidade verdadeira, em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumindo-se como tais, se tornam radicalmente éticos (Freire, 1996, p.35).

Assim, a Pedagogia crítica, proposta pelo autor, é um conjunto teórico de ideias críticas que se complementam. Dialógica, transformadora, emancipadora e crítica, essa concepção reconhece que a mudança exige intervenção na realidade e, por isso, pressupõe luta e disputa. Em outras palavras, ela entende que a transformação social não ocorre de forma passiva, mas através de um engajamento ativo e consciente, que envolve confrontar as estruturas de poder e desigualdade para promover uma sociedade mais justa e equitativa.

Assim, como defende Marcuschi (2003, p. 13), “o conhecimento é um produto das interações sociais e não de uma mente isolada e individual”. Os sentidos emergem por meio da interação, seja com o mundo ou com outros indivíduos, configurando-se como uma prática coletiva e socialmente construída. Em síntese, o conhecimento é uma construção que se desenvolve de maneira compartilhada, moldado pela cultura, pelas interações e pelos contextos nos quais as pessoas estão envolvidas. Essa perspectiva destaca a relevância da colaboração e da comunicação no processo de aprendizagem e na construção do pensamento, promovendo o letramento crítico.

Dessa forma, Rojo (2012) ressalta que o letramento crítico amplia a compreensão da linguagem ao incorporar as diversas dimensões culturais e sociais que a compõem. Essa abordagem permite que os alunos enxerguem a linguagem não apenas como um instrumento de comunicação, mas como um meio de empoderamento e transformação. O letramento crítico, portanto, vai além do desenvolvimento de habilidades comunicativas; ele contribui para a formação de indivíduos conscientes e participativos, capazes de refletir criticamente sobre as práticas discursivas presentes em seu entorno e de intervir de maneira significativa em sua realidade.

No âmbito do ensino de Língua Portuguesa, a visão da linguagem como uma prática social destaca a importância de ir além da simples transmissão de regras gramaticais ou do desenvolvimento de habilidades técnicas de escrita e leitura. Essa perspectiva defende que a língua deve ser ensinada como um instrumento fundamental para a interação, a compreensão e a transformação do mundo, conectando-a

diretamente às vivências e experiências dos alunos. Dessa forma, o ensino passa a valorizar o uso real da linguagem em contextos sociais, culturais e políticos, preparando os estudantes não apenas para dominar a língua, mas para utilizá-la de maneira crítica e reflexiva em suas vidas.

Nesse contexto, como destaca Souza (2011a), o indivíduo que desenvolve o letramento crítico compreende que muitos de seus valores e formas de interpretar o mundo estão diretamente ligados às experiências vividas na comunidade à qual pertence. Como consequência, o que é considerado verdade para uma pessoa pode não ser para outra, já que a verdade pode variar de acordo com os diferentes contextos. Por isso, é fundamental que esse indivíduo reflita sobre a origem de seus conhecimentos e de suas concepções do senso comum, questionando e analisando criticamente as bases de seu entendimento, conforme sugere a citação a seguir.

Aqui, no letramento crítico, precisamos assumir a responsabilidade das nossas leituras e não culpar o autor do texto pela sua escritura; precisamos perceber que o significado de um texto é uma inter-relação entre a escrita e a leitura. Nós estamos nos conscientizando sobre como nós interpretamos o texto. [...] Enfocar aquilo que o aluno acha que é “natural” fazer, levar o aluno a repensar o que é natural para ele e refletir sobre isso. Perceber como aquilo que é natural para ele pode conter preconceitos que podem afetar o outro, gerar preconceito contra pessoas diferentes. E, portanto, levar o aluno, o aprendiz, a reformular seu saber ingênuo (Souza, 2011a, p. 295).

Para adotar essa abordagem, é essencial que o ensino leve em conta as realidades sociais, culturais e históricas dos alunos, incentivando práticas que demonstrem o caráter dinâmico e funcional da linguagem. Uma maneira de fazer isso é por meio da produção de textos multimodais, que combinam elementos como imagens, sons e vídeos, mostrando como a linguagem se expressa de forma diversificada em diferentes meios de comunicação. Além disso, promover debates sobre temas relevantes, como desigualdade, diversidade e cultura, ajuda os estudantes a refletirem sobre as conexões entre linguagem e sociedade, entendendo como uma influencia e é influenciada pela outra. Essa prática não só amplia a compreensão da língua, mas também estimula o pensamento crítico e a consciência social. Como bem destacou Freire (2008):

A leitura mais crítica da realidade dá-se num processo de alfabetização ou não associada, sobretudo a certas práticas claramente políticas de mobilização e de organização, e pode constituir-se num instrumento para o que Gramsci chamou de ação

contra hegemônica. Por isso que ler implica esforços no sentido de uma correta compreensão do que é a palavra escrita, a linguagem, as suas relações com o contexto de quem fala e de quem lê e escreve, compreensão, portanto da relação entre leitura do mundo e leitura da palavra (Freire, 2008, p.21).

A análise de práticas discursivas do cotidiano, como memes, postagens em redes sociais e outras formas de comunicação digital, também se revela uma estratégia eficiente. Essa prática destaca a dinamicidade e o aspecto contextual da linguagem, demonstrando como ela está presente e se transforma no dia a dia. Dessa maneira, o ensino de Língua Portuguesa adquire uma dimensão crítica e reflexiva, preparando os alunos para atuar de forma consciente e significativa em seus contextos sociais. Como afirmou Freire (1989), "a leitura do mundo precede a leitura da palavra", reforçando a importância de conectar a linguagem às experiências reais dos estudantes, para que possam compreender e intervir no mundo de maneira mais autônoma e transformadora.

Dessa forma, o letramento crítico estimula o questionamento de elementos presentes no texto, buscando promover justiça e igualdade nas relações sociais. As interpretações textuais, portanto, são abertas a múltiplas leituras, cabendo aos leitores realizarem suas análises a partir da estrutura e do contexto do texto. Essa abordagem valoriza a autonomia do leitor e sua capacidade de refletir criticamente sobre o que é lido, contribuindo para uma compreensão mais profunda e engajada.

2. Desafios e Possibilidades no Ensino do Letramento Crítico

O letramento crítico surge como uma abordagem essencial para a formação de leitores e escritores conscientes de seu papel social, capazes de questionar discursos e transformar realidades. No entanto, sua implementação no ensino de Língua Portuguesa enfrenta desafios significativos, especialmente no que diz respeito a resistências institucionais, formação docente e a efetiva aplicação em sala de aula. Ao mesmo tempo, experiências pedagógicas bem-sucedidas demonstram que, superadas essas barreiras, o letramento crítico pode se tornar uma poderosa ferramenta de emancipação discente.

Lynn Mário Menezes de Souza (2011a) discute a relevância da prática leitora, destacando a leitura como um ato crítico. Essa perspectiva implica não apenas compreender o texto em sua superfície linguística, mas também desenvolver uma

escuta atenta das próprias interpretações e posicionamentos diante do que se lê, constituindo-se assim como um processo de reflexão metacognitiva, assim, o ato de “ler se lendo” (Souza, 2011b, p. 296). A leitura do mundo que nos cerca é fundamental, pois é através dela que podemos (re)construir saberes e desenvolver um olhar crítico sobre as questões sociais, formando cidadãos conscientes e atuantes, afinal, “nossos significados e valores têm origem nas coletividades/comunidades às quais pertencemos” (Souza, 2011a, p. 130).

Conforme proposto por Andreotti (2008), a aplicação dos princípios do Letramento Crítico na interpretação de textos oferece ao estudante a possibilidade de “analisar e criticar as relações entre perspectivas, língua, poder, grupos sociais e práticas sociais”. (Andreotti, 2008, p. 43). Torna-se imprescindível, portanto, analisar a perspectiva ideológica, a intencionalidade discursiva, o contexto sócio-histórico e econômico do produtor textual, bem como problematizar as vozes silenciadas ou marginalizadas nessa construção discursiva. Nesse sentido, Jordão e Fogaça (2020) ressaltam que

sujeitos e significados estão imersos em relações de poder, travando constantes batalhas pela legitimidade. Tais conflitos e tais relações de poder que nos constituem são, portanto, os mesmos elementos que permitem que os significados sejam permanentemente construídos e modificados. O poder (e os resultantes conflitos), as formas como o poder opera, e as possibilidades de subvertê-lo, devem ser uma preocupação fundamental para todos que desejam compreender, ensinar e aprender línguas estrangeiras. (Jordão; Fogaça, 2007, p. 88).

Como demonstram os estudos críticos do discurso, a construção do poder opera através de mecanismos linguístico-sociais - gradações de formalidade, performances de (in)cortesia e estratégias lexicais -, configurando um sistema onde “a linguagem pode ser usada para manter e desafiar formas existentes de poder”. (Janks, 2016, p. 29). O Letramento Crítico promove a desconstrução de discursos hegemônicos e autoritários veiculados em textos, buscando fomentar relações sociais mais equitativas mediante a análise crítica dos contextos históricos e sociais de produção discursiva.

Na concepção de Fairclough (2001), todo texto materializa formações ideológicas, sendo sua interpretação condicionada pelo capital cultural do leitor, seu horizonte de expectativas; e as condições sócio-históricas de produção. Essa tríade

configura um espaço de negociação semântica onde os leitores, como agentes ativos, reconstroem os textos através de operações interpretativas criativas que ressignificam tanto o discurso quanto suas condições de recepção. Segundo Fairclough (2001):

[...] a prática discursiva, a produção, a distribuição e o consumo (como também a interpretação) de textos são uma faceta de luta hegemônica que contribui em graus variados para a reprodução ou a transformação não apenas da ordem de discurso existente (por exemplo, mediante a maneira como os textos e as convenções prévias são articulados na produção textual), mas também das relações sociais e assimétricas existentes. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 123-124)

Takaki (2012) defende uma abordagem pedagógica integrada no ensino de línguas, que combine harmoniosamente o Letramento Crítico com dimensões linguísticas, culturais, políticas e sociais. O autor propõe que o professor adote uma prática flexível, alternando estrategicamente entre o ensino dos aspectos formais da língua e a análise crítica de textos através da perspectiva do Letramento Crítico.

Essa abordagem dual permite que, em momentos específicos da aula, o docente se concentre nos elementos estruturais e sistêmicos da língua, enquanto em outros possa explorar diferentes gêneros textuais sob o olhar crítico do Letramento Crítico. Tal integração não representa uma dicotomia, mas sim uma complementaridade essencial no processo de ensino-aprendizagem.

A implementação equilibrada dessas duas vertentes - o domínio linguístico e o desenvolvimento do pensamento crítico - contribui significativamente para a formação integral dos estudantes. Por um lado, fortalece suas competências linguísticas; por outro, desenvolve sua capacidade de leitura crítica da realidade e seu exercício pleno da cidadania. Dessa forma, o ensino de línguas transcende a mera transmissão de conteúdos gramaticais, assumindo um papel transformador na educação dos alunos como agentes sociais conscientes e atuantes.

Um dos principais obstáculos ao letramento crítico está na estrutura tradicional do sistema educacional, que muitas vezes prioriza o ensino de gramática normativa e a reprodução de conteúdos em detrimento da reflexão crítica. Muitas escolas ainda seguem um modelo bancário de educação (Freire, 1987), no qual o conhecimento é transmitido de forma unilateral, sem espaço para diálogo ou problematização. Além disso, currículos engessados e avaliações padronizadas dificultam a inserção de práticas que incentivem a análise crítica de textos e contextos sociais.

Outra resistência comum é a pressão por resultados em exames como o ENEM e vestibulares, que frequentemente priorizam habilidades técnicas em vez de pensamento crítico. Professores podem sentir-se limitados por cobranças institucionais que não valorizam o debate sobre questões de poder, ideologia e desigualdade presentes nos discursos.

Dessa perspectiva, o Letramento Crítico opera em duas dimensões complementares: no desenvolvimento cognitivo-linguístico do aluno e na construção sociocultural de sua consciência crítica, processo que se efetiva nas interações dialógicas e no questionamento dos discursos hegemônicos “institucionalizados” nos diversos espaços sociais, incluindo o familiar (Souza, 2014).

3. Formação Docente para o Letramento Crítico

A efetiva aplicação do letramento crítico exige professores preparados não apenas em conteúdos linguísticos, mas também em teorias críticas e metodologias dialógicas. No entanto, muitos cursos de licenciatura ainda não abordam suficientemente o letramento crítico, focando mais em aspectos formais da língua do que em sua dimensão social e política.

A prática pedagógica encontra no professor seu principal agente transformador, cabendo a este profissional a mediação essencial na formação de sujeitos críticos e profissionais conscientes. Como destacava Freire (1997), a educação escolar representa um ato dialético de produção e reconstrução permanente do conhecimento. Segundo Freire (1997):

Outro saber de que não posso duvidar um momento sequer na minha prática educativo-crítica é o de que, como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento (Freire, 1997, p. 110).

Diante desse cenário desafiador, a adoção de abordagens pedagógicas diversificadas que atendam às demandas da contemporaneidade requer dos docentes uma postura reflexiva e crítica, particularmente no que tange às práticas de letramento (leitura, interpretação e produção textual) no contexto sociocultural atual. Nessa perspectiva, conforme Souza (2012), cabe especificamente aos professores de Língua Portuguesa a importante missão de:

[...] está nas mãos dos professores que buscam uma formação continuada, a difícil tarefa de se reinventar como profissionais da educação, e se apropriar dos diferentes letramentos e multiletramentos que envolvam as tecnologias digitais. Essa apropriação pode e deve partir de professores que atuam em todas as disciplinas, mas, os professores de LP carregam uma carga mais pesada de responsabilidade na hora de expandir essa pedagogia, uma vez que é a partir do ensino da língua materna que o aluno consegue compreender as demais áreas (Souza, 2019, p. 29).

A formação continuada é um caminho importante para suprir essa lacuna. Oficinas, grupos de estudo e projetos de extensão podem ajudar docentes a desenvolver estratégias para trabalhar textos de maneira crítica, identificando vozes silenciadas, intenções discursivas e relações de poder. Além disso, é fundamental que os professores tenham acesso a materiais e pesquisas atualizadas sobre o tema, permitindo-lhes adaptar as teorias à realidade de suas salas de aula.

Argumenta-se que a assimilação das práticas de letramento crítico deve constituir eixo central tanto na formação inicial quanto na permanente dos docentes, como requisito fundamental para sua transposição didática nas salas de aula do ensino básico.

Embora sabemos que há ainda muito a se construir, pensar e repensar no processo de ensino e aprendizagem, a sensação é de que devemos ter mais momentos de reflexão-ação como pesquisador/professor, já que o desconforto provocado por leituras e experiências nos levam a repensar nossas práticas e a entendermos que é necessário começar um processo de desconstrução e reconstrução, uma 'desaprendizagem' (Fabrício, 2006) da nossa “condição docente” (Teixeira, 2016).

Considerações Finais

Neste ensaio, procurei integrar as perspectivas de linguagem e identidade, articulando o conceito de letramento crítico com a análise dialógica freiriana e a visão de Rajagopalan (2003), Soares (2002), Rojo (2012, 2019) sobre a linguagem. No ensino de português, essas abordagens contribuem para uma prática educativa que transcende o ensino funcional e atinge um patamar de consciência crítica, em que a língua(gem) é compreendida como uma construção simbólica e identitária.

Essa visão é essencial para formar leitores críticos, capazes de entender as

múltiplas camadas de sentido no discurso e de reconhecer seu papel como sujeitos discursivos. A construção de uma prática pedagógica dialógica e crítica permite que os estudantes se apropriem da linguagem como instrumento de empoderamento e transformação, promovendo a diversidade cultural e a inclusão social no contexto educacional.

O letramento crítico e a dialogicidade representam abordagens fundamentais para o ensino de Língua Portuguesa, promovendo a formação de alunos conscientes de seu papel social e das implicações da linguagem na construção de suas identidades. Ao incentivar uma reflexão crítica sobre as relações entre linguagem, cultura e identidade, essas práticas pedagógicas promovem uma formação que valoriza a pluralidade linguística e cultural, capacitando os alunos a atuarem como cidadãos críticos e conscientes.

As contribuições de autores estudados evidenciam a importância de uma abordagem pedagógica que promova a autonomia, a participação ativa e a reflexão crítica dos estudantes. Dessa forma, o ensino de Língua Portuguesa pode desempenhar um papel crucial na formação de indivíduos preparados para interagir com o mundo de maneira crítica e transformadora, tornando-se agentes de mudança e justiça social em suas comunidades e em suas profissões.

Com base nessas discussões, o objetivo da escola é desenvolver o pensamento crítico, oferecendo aos alunos oportunidades de reflexão sobre sua capacidade de interpretação e compreensão do mundo em que vivem. Isso inclui a análise de suas experiências de vida, tanto em sua própria comunidade quanto em contextos diversos, ampliando sua habilidade de interpretar e interagir com realidades distintas. Dessa forma, busca-se promover uma educação que incentive a autonomia, a empatia e a consciência crítica, preparando os estudantes para atuar de maneira reflexiva e transformadora na sociedade.

Referências

FABRÍCIO, Branca. Falabella. **Linguística aplicada como espaço de “desaprendizagem”:** **redescrições em curso.** In: MOITA LOPES, Luiz. P. (org.) Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar. São Paulo: Parábola editorial, 2006. p.45-66.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. (2000). *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 13.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

JANKS, Hilary. Panorama sobre Letramento Crítico. In: JESUS, D. M. de; CARBONIERI, D. (Org.). *Práticas de Multiletramentos e Letramento Crítico: outros sentidos para a sala de aula de línguas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016. (Coleção *Novas Perspectivas em Linguística Aplicada*, 47).

JORDÃO, Clarissa. Menezes. O que todos sabem... ou não: Letramento Crítico e questionamento conceitual. *Revista Crop*, p. 21-46, dez. 2007.

JORDÃO; FOGAÇA, Francisco. Carlos. Ensino de inglês, Letramento Crítico e cidadania: um triângulo amoroso bem-sucedido. *Revista Línguas & Letras*, v. 08, n. 14, p. 79-105, 2007.

KUMARAVADIVELU, Bala. **A Linguística Aplicada na Era da Globalização**. LOPES, Luiz Paulo da Moita. **Socioconstrucionismo: discurso e identidades sociais**. In: LOPES, Luiz Paulo da Moita (Org.). *Discursos de identidade: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

Souza, Lyn. Mario. Trindade. Menezes. de. (2011). **O professor de inglês e os letramentos no século XXI: métodos ou ética?** In *Formação desformatada: práticas com professores de língua inglesa*. Campinas: Pontes.

MARCUSCHI, Luiz. Antônio. **Perplexidades e perspectivas da Linguística na virada do milênio**, 2003.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 96-121

ROJO, Roxane. (2012). *Multiletramentos na escola: Práticas com textos e culturas juvenis*. São Paulo: Parábola Editorial.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002

SOUZA, Lynn. Mário. Trindade. Menezes. **Para uma redefinição de letramento crítico: conflito e produção de significação**. In: MACIEL, R. F.; ARAÚJO, V. de A. (orgs.). *Formação de professores de línguas: ampliando perspectivas*. Paco Editorial Editors: 2011, p. 1-8.

SOUZA, Lynn. Mário. Trindade. Menezes. **O professor de inglês e os letramentos no século XXI: métodos ou ética?** In: JORDÃO, C. M.; MARTINEZ, J. Z.; HALU, R. C. (Org.). *Formação “desformatada”: práticas com professores de língua inglesa*. Campinas: Pontes, 2011a.

SOUZA, Samuel. Tadeu. de. **Práticas de multiletramentos viabilizadas nas ações de docentes de língua portuguesa**. 74 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) –Programa de Pós-graduação Profissional em Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop/MT, 2019.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. Tempos enredados na condição docente: narrativas de professores e professora. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 14, n. 1, p. 167-176, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br>. Acesso em: 26 maio 2025.